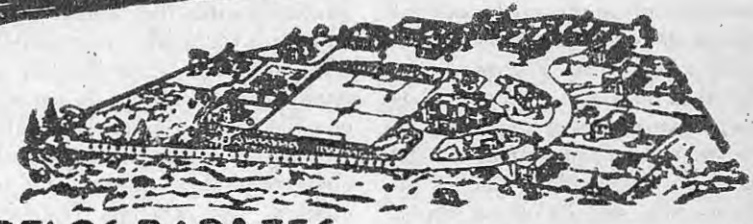


AVENÇA



Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano 12.º — N.º 312 — Preço 1\$00

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Para abrir damos a lume parte de uma carta ontem recebida, cheia de verdade e expressão: «Nós vivemos debaixo da terra todos juntos. Somos quatro irmãos. Júlio de 18 anos, Justina

meio dos Pobres. Continuando, damos notícia do começo de duas casas em Aviz. Ao pároco de uma freguesia alentejana, dissemos hoje ao telefone que se ele nos não pede os 100 contos que cá tem,

de pescadores. Medelim vai entregar duas na Páscoa pondo nelas o maior carinho, dizem os vicentinos. Eis aqui o verdadeiro material. Cambres, perto de Lamego, começou mais quatro; já tinha seis. Póvoa de Lanhoso anda a juntar materiais e dinheiro. Braga quer 90 feitas; já chegou às trinta. Loriga anda a ferver. Bragança fez entrega da primeira, onze filhos e os pais. *Mais duas outras estão quase concluídas.* O pároco não tem mais que dizer do entusiasmo de todos; e que o senhor Bispo deu uma casa da sua algibeira. *O Prelado da Diocese vai fazer uma a expensas suas.* Águas Santas fez entrega de duas moradas e tem mais para entregar. Chegou a vez à senhora Ana de Jesus, como aqui é conhecida aquela viúva que um dia topei a morar numa corte, com dois netos a seu lado, pagando 5\$00 por semana. *Tenho os meus ossos num feixe, ouvi-lhe dizer na maré, enquanto mostrava o chão que lhe era leito.* Agora não. Hoje tem uma casa de acordo com a sua dignidade.



Aqui Águas Santas. Eis uma de muitas centenas delas ao serviço do homem.

de 15, Alberto de 11 e David de 8. O nosso pai trabalha no saibro, a nossa mãe partiu uma perna e eu trabalho numa farmácia por o comer.»

vamos entregá-los a outros que estão a trabalhar. Oh palavra! O auscultador fazia lume! *Não faça tal.* Mas faço. Mas fazemos. Serpa deseja casas. Alvíto idem. O pároco de Estremoz também. Oxalá ele comece. Tivemos aqui notícia para ir observar como morrem indigentes metidos em buracos das antigas muralhas! A terra onde viveu e morreu a Rainha Santa Isabel!

Vindo por aí acima a caminho do Norte, encontram-se duas delas em Cascais, com as tintas ainda por secar. Mais duas; já ali havia outras. Na Lourinhã começa a decisão. Leiria fez entrega das primeiras seis, com a presença do Prelado e autoridades; e continua. Marinha Grande tem mais duas em vias de entrega. Lavos, a dois passos da Figueira, fez entrega de três, na Gala, sítio

Por aquele viver debaixo da terra, ninguém poderia fazer reparos se hoje fosse a idade da caverna. Mas o mal está em que nós pretendemos ter atingido a civilização máxima; e tanta, que os jornais da semana traziam um comunicado dos Estados Unidos da América do Norte: *nós estamos prevenidos (eles) e podemos destruir a humanidade em alguns minutos.*

Enquanto aquela hora não chega, continuemos a trabalhar afinadamente, para retirar de debaixo do chão os vivos e fornecer-lhes nma vivenda decente. Temos notícia de quatro delas entregues em Arraiolos, com a presença do Senhor Arcebispo de Évora e mais autoridades. E que lindas! E que espaçosas! Da situação não se fala! Como estamos no Alentejo, saiba-se que Vendas Novas começou o primeiro grupo de seis, para o futuro *Bairro D. Manuel Mendes da Conceição Santos*. Já tinhamos um no Porto, *Bairro D. António Barroso*. Sucede que ali, dentro de cada moradia, se vê suspensa na parede da sala uma fotografia do saudoso Bispo. Sucede que, todos os meses, ali vai muita gente distribuir quantias de dinheiro em sua memória. A efigie nunca está sem flores e tem uma luz acesa durante a noite. De sorte que, aquele mesmo que foi em vida amigo dos Pobres, hoje é amigo e vive no

Um nadinha antes de ter saído do Funchal, onde estive ultimamente ao serviço dos Pobres, alguém abeira-se e propõe um baile nos hotéis de turismo, afim de colher receitas para a missão que o trouxe cá. Isto era já a caminho do embarque. Ninguém podia duvidar da boa fé e da intenção do meu amigo. Se as casas para Pobres custam dinheiro, ele propunha-se ajudar segundo a sua maneira, uma festa mundana, seria fonte de receita. Não era ali o sítio nem a hora de dar razões; apenas lhe disse que isso não nos interessava pedi que não tentasse.

Pedi e eu aproveito. A lancha do Governo Civil ia para lá e os estovos. Uns minutos e estavam a bordo do *Alcântara*. Mais uns minutos e o barco toma o rumo de Lisboa.

NOTA DA QUINZENA

Não tenho receio e parti tranquilo. No dia anterior, tinha celebrado e falado aos vicentinos da cidade, que são um excelente exemplo formidável com armas espirituais. Tive ocasião de apreciar o trabalho de uma sessão morta com as leituras do estilo e o discurso de um qualquer; foi antes uma reunião de vivos, espumante e interessados, onde se expunham os casos, apresentavam ideias e propunham-se realizações. Eu sou testemunha. Os vicentinos da Madeira ora eu a estroja. Esta é a Hierarquia, mas são uma força dentro dela. Ora se estou absolutamente certo e seguro de que eles não concordam, nem vão, nem aceitam o produto de festas mundanas a que alguns chamam de caridade, como alívio dos seus pobres. Não a queremos. Esta qualidade de festas tende felizmente a desaparecer dos programas de auxílio social e não tardará que venham a ser totalmente descartadas. A presença de samaritanos entre os homens, há de revelar a doutrina. Na verdade, aceitar por boa uma festa desta natureza, o mesmo é que aceitar por natural a situação de quem se pretende socorrer; e não é assim. Aqui não há situações criadas. Não há factos consumados. Há uma injúria do homem ao homem que é preciso reparar. Como? Eis aqui o perigo das festas de caridade!

SETÚBAL

Como há quase seis anos nos dirigimos pela primeira vez aos conimbricenses, também hoje, nas mesmas circunstâncias, o fazemos aos habitantes de Setúbal.

Como há dois mil anos os Apóstolos receberam do Mestre o mandato e partiram por amor de seus irmãos sem saca nem bordão, sem família nem amigos, também nós agora viemos até esta casa de Setúbal, onde tudo para nós é desconhecido, tratar dos nossos irmãos mais pequeninos,

caídos imerecidamente na miséria. Olhamos hoje, mais do que nunca, cheios de esperança para quantos nos ouvem, sejam de Setúbal ou de fora e pedimos a mão a todos. Pedimos que nos ajudem a levar a nossa cruz que agora nos parece muito mais pesada. Quem não puder ajudar-nos materialmente, peça ao Senhor da Fortaleza que nos dê força e coragem.

Começamos com este cantinho de Setúbal e há-de ser ele a chamar a vossa atenção para esta Casa do Gaiato. Que cada um ame como coisa própria.

Queremos fazer deste cantinho tribuna de doutrina, campo de acção, pelouro de injustiças, revelação de vida e ideal.

Desejamos aqui revelar a muitos a verdade do Evangelho, dar vista a cegos de Jericó, sensibilizar corações de Zaqueus, orientar vidas de madalenas.

Pensamos fazer desta coluna campo de batalha a favor do grande e sempre novo mandamento da Caridade.

Há tesouros escondidos e é necessário que apareçam à luz. Há podres erguidos que é preciso enterrar.

Que este cantinho que vai hoje começar seja um farol que alumie

ao longe; não pela luz do com o escreve, mas pelo amor com que é escrito; não pela novidade de doutrina, mas pela verdade que o anima.

Ainda ontem nos diziam que hospital e a gente de Setúbal é generosa e boa. O Sr. Padre Adriano tem-nos dito que Setúbal vai corresponder dentro de pouco tempo. Deus o queira.

Lançamos ombros a uma empresa demasiado pesada para nós. Com poucos meses de vida e já temos à nossa roda sessenta bocas para comer, sessenta corpos para vestir e limpar, sessenta crianças para educar e os mesmos filhos de Deus para salvar. muito para começo.

Ficamos a sete quilómetros da cidade na estrada de Algeruz, mas contamos ter já abertas para receber as portas da sacristia da Igreja de S. Julião e o armazém do Fomento do Sado onde trabalhamos Sr. Maximiano.

Já aqui temos nota de uma senhora que enviou duzentos escudos; e a Sociedade de Lavadeiras de Alcácer do Sal oferece arroz e azeite; e a Sociedade de Comporta veio com um saco de arroz; e a Frescata remeteu-nos quarenta escudos; e um officio do Governo Civil de Évora com um contrato de concessão de dois mil escudos.

Padre Horácio



A senhora Ana de Jesus, mãe dos seus dois netos, a dos ossos moídos por dormir no chão, começa hoje a viver.

De como eu fui à Ilha da Madeira

Foi no paquete Santa Maria. Melhor dizendo, fomos. Porquanto deliberou-se que eu levasse na minha companhia alguém e chamou a sorte ao Tomar I. Na Agência do Porto e quando nos preparávamos para pagar os bilhetes, alguém aproxima-se e diz que não. Eu elucido. Que os bilhetes não são da nossa conta. Que o Governador do Funchal fica por todas as despesas. E disse e disse e disse, mas aquele senhor também e ganhou a questão. Ai Porto Porto, tão tarde te conheci!

O «Foguete» daquele dia recebeu mais dois passageiros; eramos nós. O meu bilhete também foi da conta de um meu amigo do Porto. O Porto é Porto! Eu conhecia o Tomar apenas como um bom empregado do Avelino e mais nada. Mas agora longe do seu trabalho e perto de mim, sem mais ninguém com quem falar, o rapaz fuzila-me com perguntas desde a estação de S. Bento até Santa Apolónia. Tão apertado e tão angustiado me vi e tendo percebido que eu mudasse de lugar Tomar também se mudava, convidei-o e fomos ao botequim. Só desta forma espáireci.

O paquete estava no seu lugar à Rocha do Conde de Óbidos. Começam as formalidades do embarque. Seis polícias armados de revólver e cacete. Mais um Polícia Internacional. Mais outro. Ninguém pode arredar pé nem vista. Eu estou afeito. Este é o panorama de outras viagens. Nestes sítios e a estas horas não é suficiente a evocação do Pai Nosso. Não há a fraternidade. É o reino da desconfiança. Que mundo! O meu secretário faz entrega dos bilhetes que não indicavam número de camarote. Um empregado de bordo entrega por sua vez a uma empregada e esta indica-nos o 54. Sendo o bilhete de 2.º logo vi que havia engano; o camarote é um quase luxo. Mas tomei o engano por verdadeiro e ali me deixei estar por 24 horas, que tantas foram as que o barco dispendeu. Não falta nada a bordo. Tudo irrepreensível. O pormenor aqui mostra-se de grande vulto. Nada foi esquecido. Mas a maior beleza do barco reside na sua bandeira e esta é portuguesa. Viva Portugal!

Ninguém diga que não anda aqui a criação do fundo especial da Marinha Mercante, como também nas Indústrias anda o mesmo pensamento quanto à melhoria de máquinas, como também nas Províncias do Ultramar, anda o decreto de maior valia e agora só faltam os corticeiros do Alentejo. Estas medidas sociais têm tanto de salutar e estão por tal forma à mão, que o nosso Padre Aires, com a sua Indústria de chales e porque as mulheres de Ordins ganham hoje o que nunca esperavam, se não vai para a criação dum fundo por falta de alçada, obriga, contudo, a tecedeira a melhorar a sua casa e o seu nível de vida.

Dizem que chegamos às cinco da tarde tendo saído ontem à mesma hora de Lisboa, precisamente 24 horas. Não sei o que, nem quem me espera na Ilha. Vou preparado para tudo. Se me for dado falar em público, ao grande público, conto preparar todos para uma grande comunhão espiri-

tual. Sim, comunhão. Comungar desde já a alegria de cem famílias indigentes que amanhã, cada uma a seu modo, todas hão-de necessariamente experimentar ao tomar o uso perpétuo da casinha que lhe for atribuída. Não sabemos naturalmente, na hora desta nossa comunhão, quem, como ou quando; não sabemos. Ninguém pode dominar o futuro. Mas nem por isso o nosso acto perde algo do seu valor. Deus é presença.

xxx

Um marinheiro vestido de ganga azul e barrete do estilo, limpava metais nas amuradas. Ninguém passava naquela altura. Eu quedo e abro conversa: *Você tem reforma?* Toquei-lhe na ferida. Aquilo era o seu assunto. O homem começa a falar dele com muita calma, muito equilíbrio e um bom senso sem medida. Quanto a sindicatos diz ele que desconta. Quanto a Caixas também. *São perto de duzentos escudos por mês.*

Na sua linguagem de homem do mar prossegue e vai dizendo: «Não é por mim. Eu sei que quando chegar aos 65 anos já devo entrar ao gozo da minha reforma, mas tenho muita pena dos meus colegas que já atingiram essa idade e não recebem nada.» Continuando, o marinheiro informa que são centenas e centenas nestas condições, lá em Lisboa, a quem a companhia fornece algum trabalho quando os navios amarram, mas não é sempre, nem

sas. Segundo a notícia do que se a todos.

O homem tem pena, mas espera pelos tempos de melhoria. Ele mesmo se diz Português e ter muita esperança em quem nos governa. *Ando por lá há muitos anos e não tenho visto nada melhor.*

A seguir vem a sua família, o nome da terra onde nasceu e o nome da rua onde hoje mora na cidade de Lisboa.

A minha filha mais velha já fez o Curso Comercial.

E doutros filhos dá-me outras notícias todas de bom estilo e nível familiar. Eu estava interessado em tudo quanto ia ouvindo tanto mais que ele, o marinheiro do Santa Maria, chamava por mim. *Veja que a nossa reforma venha depressa.*

O tempo ia passando. Nós continuávamos no mesmo sítio e a falar da mesma causa. Lata em uma das mãos e um monte de desperdícios na outra, o marinheiro do Santa Maria não deixava o seu serviço nem perdia o seu tempo enquanto me falava. E que falar! *Eu ando a trabalhar para a nossa pátria. Por onde quer que ande digo a todos que sou português.* Ali ao pé, no mastro, ia a bandeira portuguesa. Iamos todos a caminho e estávamos já perto duma das terras mais lindas do mundo que é portuguesa. Tudo isto me parecia alto, precioso e verdadeiro. E neste espírito me despedi do marinheiro.

Eis de como entre os humildes des se encontram noções de vida exactas e construtivas. Quanto não podem fazer os governantes com esta massa dócil, inteligente e equilibrada, que aprecia as coisas e as pessoas e sabe esperar a ocasião oportuna.

xxx

Atrás do Santa Maria vinha o Vera Cruz, que largou do porto do Funchal um dia após. Da janela do hotel via-se o cais de embarque cheio de gente do povo. Tomei por um acontecimento e perguntei do que se tratava. Emigrantes. O Vera Cruz saiu cheio de gente para a Venezuela. Há outros pontos para onde eles vão mas actualmente aquele país é o sorvedoiro. Famílias vão e chamam famílias. De sorte que no interior da ilha existem aldeias escoadas e enfraquecidas. Chegados a este ponto da notícia não há ninguém que não diga de si para si: *mas que é das nossas províncias do ultramar?! E não há ninguém que não venha a ficar triste, sabendo que milhares e milhares de portugueses vão engrandecer terras estranhas, deixando em risco as que são nossas.*

xxx

Esta formosa cidade do Funchal teve no mês de Janeiro uma semana de expectativa. Primeiramente a realidade das coi-

tem feito. Terceiro a necessidade premente de continuar a obra e por último a voz da Imprensa. Todos os dias os jornais falavam, como se alguém me andasse a seguir os passos e escutando a voz à maneira que falava e dizia. Eu mesmo me admirava. Tratando-se de assunto complexo e difícil, qual este de conseguir terreno nas cidades para a construção de casas do Património, aqui não foi assim. Dir-se-ia uma árvore que, mal lhe tocam, deixa cair os seus frutos de maduros. A Câmara. A Junta. Governo Civil. Comissão de Assistência; todos quantos têm na mão o risco e a jurisdição, parece que estavam mesmo à espera da hora; o advérbio sim, tornou-se o verbo daquela semana. O prelado da diocese ia sendo informado diariamente. Os vicentinos de todas as paróquias apertaram-se mais e melhor para serem um só corpo e um só querer. O pároco da Sé, foi superiormente escolhido para ficar nas minhas vezes. Quanto a mim, tomei sobre os meus ombros e fiz meu o problema da Barraca. Assim falei ao povo. Assim promovi na presença de todos uma grande acção envolvente de combate colectivo, chamando cada um à penitência — estratégica Divina! E para produzir convicção razoável no espírito de todos os ouvintes, declaramos que ficava conta aberta do Património no Banco Blandy e Madeira; e que todos os dinheiros recolhidos na Sé Catedral e no Teatro Municipal, iam para aquela conta; e que os donativos de bancos, Empresas e Comércio e Particulares idem; Junta Autónoma, Comissão de Assistência, Governo Civil, também.

E finalmente a mesma conta Património dos Pobres seria enriquecida com a promessa do Senhor Engenheiro Arantes e Oliveira, que Deus conserve na Pasta das Obras Públicas até que ele tenha resolvido por maneira tão pequenina e tão eficaz o problema dos *Sem Abrigo*.

A situação da chamada família da Barraca, sendo igual àquilo que conhecemos no continente, oferece, no entanto, aspectos mais agudos. Exemplo: no aglomerado de habitações entramos e demos com duas famílias vivendo num só aposento. Por sinal estavam todos presentes. Vi, toquei e falei com os dois casais. Um tinha quatro e outro dois filhos. Ora isto que desorienta e confunde os mais afeitos a estes panoramas, não era tudo. A barraca seguinte pior. Três famílias! E basta. Deixamos o resto ao comentário íntimo e silencioso dos leitores. Em vez de nos termos hoje por uma civilização erudita e progressiva, é mais consoante à verdade dar-mo-nos por uns derrotados.

Outro exemplo: num grupo de Vicentinos, pároco à frente, enquanto falávamos da organização naquela paróquia, uma professora levanta a voz e declara que a primeira casa tem que ser para fulano. Quem é aquele fulano? A professora disse. Um casal com catorze filhos todos num aposento e fora, ao ar livre, duas pedras e uma panela são a cozinha.

Palestra ao microfone da Rádio da Madeira

«Ide e anunciai a João Baptista tudo quanto acabais de ver e de ouvir»; é que as multidões tinham justamente assistido ao prodígio dos cegos, e dos surdos e dos coxos que recuperavam os sentidos e movimentos. E até, indo mais longe na ordem do incrível, os mortos ressuscitavam. João Baptista tinha conhecimento prévio e interior destes factos por causa da sua missão. Não precisava de perguntar se aquele era Cristo ou se haviam de esperar por outro. Não precisava. Mas fingiu que não sabia e serviu-se de emissários para que eles ouvissem do próprio Mestre e acreditassem e fizessem constar.

Passados séculos, as coisas dão-se precisamente da mesma maneira, porquanto Cristo é de ontem e de hoje.

Os prodígios são a continuação da sua obra redentora. Por onde quer que passe a sua palavra viva, aí temos multidões de coxos que começam a arriscar as primeiras passadas; de surdos, que começam a prestar atenção, a ver se escutam; de cegos que começam a lobrigar coisas indistintas e confusas até chegarem à perfeita luz. E que dizer dos mortos, do turbilhão dos mortos às realidades divinas, a quem o bafo do Evangelho, começa a aquecer membro por membro, molécula por molécula, até chegarem à ressurreição perfeita! E tudo isto, estimados ouvintes, a quem neste

momento desejo chamar irmãos das catacumbas; tudo isto digo, porque os povos são evangelizados. São anunciados. São recomendados.

O quadro que acabo de apresentar, é a fisionomia destes dias entre o povo da Madeira, desde que cheguei. A comoção. A curiosidade. O interesse. O desejo de saber mais e ouvir melhor. É Jesus Nazareno que passa! Não posso dizer e ninguém acreditaria que isto seja causado pela eloquência da nossa palavra.

Ninguém acredita que seja derivado do zelo dos sacerdotes e vicentinos ou expectativa dos fiéis. É tudo isto sim, mas não é só isto. Existe algo de mais real e mais decisivo. É a justiça imamente de Deus e a injustiça com que até hoje temos tratado os seus pobres. Aquela família mais ou menos numerosa, desprevenida de tudo e posta em miséria extrema; aquela família, digo, por mais andrajosa, mais repelente e mais antipática, — é essa. Esta e outras. Todas quantas formam a multidão dos incognoscíveis. São elas as responsáveis por tanta ansiedade na alma dos madeirenses. Ansiedade e inquietação.

Aonde a nossa injustiça no trato com esta classe, aí incide a justiça de Deus.

E como Ele é essencialmente amor, segue-se que por todos os meios nos procura salvar; daí vem que os cegos até ontem; os

surdos até ontem; começam agora a balbuciar e a compreender.

O Património dos Pobres, meus ouvintes, é uma obra social que os Bispos fizeram sua e o Governo também. Ela é oficialmente reconhecida. Tem estatutos, personalidade jurídica. É uma obra da paróquia. O pequenino bem de cada freguesia onde o pároco pode gozar do prestígio social e oferecer o uso permanente duma habitação cristã ao habitante das furnas e dos buracos. Não se dá a casa ao pobre. Dá-se o uso, o encargo da sua conservação, e o regulamento que tem de cumprir.

Por isso mesmo além do mais, esta obra tem um significado e é uma força de grande poder moral. O pobre é colocado entre dois caminhos; um consta do uso permanente da casa limpa e airosa. Outro, é obrigação em que automaticamente se constitui de bem cumprir.

Ora ele escolhe este caminho. De entre seiscentas habitações desta natureza que já temos no continente não falhou ainda um caso. Todos compram. Assim se educam os chamados incorrigíveis. Como? Amando-os.

É que, estimados ouvintes, o uso da casa é por natureza a fortuna dos homens. Ali atinge ele a sua função natural. É o seu lugar de comando, goza o título de rei da Natureza, pode cumprir os mandamentos da Lei de Deus e

(Cont. na página QUATRO)

Agora

Vai aqui a Maria do Bonfim com mais duas prestações de 500\$ cada uma, em ordem à sua casa; ela deseja ter casa no Património. Foi uma promessa que seu Marido deseja respeitar, por isso mesmo pede-nos uma oração para que Deus ajude o meu marido a ganhar o suficiente. Isto é admirável. Deixem passar. A seguir vai um pequeno grupo (somos 4) com 200\$ de Ponte de Sor para casas em Aviz. Sim senhor. Estamos nas melhores relações com o Pároco da vila, a quem neste momento fizemos uma remessa de dinheiro para mais duas residências e pedido de andar de pressa. «Continuaremos em 1956 a cotizarmos-nos e a dar na medida do possível, para esta obra tão necessária aos pobres e ao País. Com ela e por ela o Ocidente será salvo. A revolução social tem que ser feita através de Cristo.» Isto vai na precissão porquanto nem só de pão vive o homem. Nem só com dinheiro se fazem casas do Património. Mais 2 contos,—primeira entrega da casa, cuja construção me propoño fazer no decorrer do ano. Sim senhor. Ano novo, vida nova. Salvemos o que ainda resta do Ocidente! Seguem os 4 irmãos com 280\$. Vai a Maria Leonor com mil, no aniversário do seu casamento; e assim farei todos os anos. Oh propósito! Mais os 20\$ do tabaco. O assinante 14034 leva 100\$. Proença-a-Nova 500\$. Conte comigo esta primavera. Só se eu morrer é que não! J. A. vai com 3.500\$ para a Casa Santa Cruz. O António do Porto leva uma telha. Mais 100\$. Mais 200\$ de Lourenço Marques, do Doutor Gonçalves Cerejeira. Mais 150\$ do Porto. O Abílio dos Guindastes da Beira torna com 100\$. Quando vem a Lisboa, Abílio? Maria dos Prazeres vai com 280\$. Mais 20\$. Alguém entrou no Banco Espírito Santo, entregou ao Caixa dois mil escudos e foi-se embora sem dar cavaco. Tempo é dinheiro. O silêncio é ouro. Oh precissão!

O Alberto de Lourenço Marques leva 100\$. Viseu 50\$. Espinho outro tanto. O do Plano Decenal cá vai. O pessoal da filial do Banco Espírito Santo de Guimarães, forma e vai com 280\$. É uma fila de gente. O Porto 100\$00. Tete mil escudos. António Enes 50\$. A carta saudosa da Maria de Coimbra, hoje residente em Moçambique, traz uma quadra de João de Deus:

«Ai mãe; que tristeza não ter uma chossa!
Não falo em riqueza,
Mas ter casa nossa.

Gostei tanto de a ler e do gosto de Maria de Coimbra a ter recitado em pequenina, conforme diz, que me não tive e ei-la. Os poetas não morrem!

Engenheiros Directores da Eléctrica do Cávado, mandaram depositar no banco 12.486\$90; e o pessoal da mesma também depositou a sua contribuição mensal—1.982\$70. A Fonte de Moura entregou a um dos nossos rapazes, o Valdemar, 2.400\$ para ajuda de uma casinha. O subido desta precissão, está precisamente na quantidade e qualidade dos apaixonados que vão nela. Não se trata do homem que dá das sobras, mas sim do que lhe faz fal-

DOCTRINA

Quando foi da missa nova do Padre Carlos e chegada a hora de distribuir a comunhão, eis que se abeira do altar um sem número de convidados, no meio dos quais era a sua mãe. O neo-sacerdote volta-se e de pizide na mão, exclama com voz firme: primeiro gaiatos. Imediatamente se retiram todos quantos se encontravam no degrau e começam a subir rapazes dos nossos. Primeiro gaiatos. Eu estava próximo. Vi tudo. Ouvi tudo. Compreendi tudo.

Aquela era a hora dele. Ninguém sabe, tão pouco ele é capaz de dizer quanto lhe custou! Quando um homem já experimentado se resolve a cortar o terreno para seguir o Celeste, esse tem de sofrer. É mesmo a condição. Ora muito bem. Chega a missa. Chega o momento da comunhão. Um resumo. É então que o sacerdote se exprime: primeiro eles!

Uma vez em Paço de Sousa forma um escol de rapazes como nunca! A reunião de chefes é sempre uma hora apaixonada. Padre Engenheiro concede. Espera. Obriga. Os chefes são a obra. Acontece que por vezes é necessário ir a Lisboa, Setúbal ou Coimbra, em serviço. Padre Engenheiro ausenta-se. Eu fico. Na hora da despedida vem-me dizer — está tudo entregue. Entregue a quem? Não estou eu ali? Estou, sim, mas... primeiro gaiatos.

Da última vez que houve de sair, recomenda-me: cartas que vierem para os rapazes, dê ao chefe. Homessa! Mas isto não é uma inversão? Que há de mais importante em uma comunidade destas, do que isto mesmo de sabermos o que diz e com quem se corresponde o rapaz? Ora isto é verdade mas existe outra maior; as bases do nosso sistema. O primado do chefe. Padre Engenheiro encheu-se desde a primeira hora. Declarou solenemente e tal como então, agora e sempre e em tudo — primeiro gaiatos. Deus o ajude.

Em certos meios, as classes mais necessitadas afastaram-se de Cristo e da Igreja. Foram, para mais, votados ao desprezo pelos bem instalados na vida que, para nosso escárnio, continuaram a apelar-se de cristãos. Para os reconduzirmos ao Evangelho, não há outro meio que *passar fazendo o bem* a exemplo do Messias, i. é., praticando as obras de misericórdia corporais e espirituais. O Evangelho visa o homem total e não, apenas, a alma.

No amor pelo pobre é a fé que nos ilumina o caminho, para o podermos descobrir: Cristo continua a sofrer até ao findar dos tempos, nos seus membros místicos, os Pobres. Para O aliviar-mos, temos de sair ao encontro destes, descobri-los. Talvez os encontremos mais perto de nós, do que cuidáramos. Talvez mais desesperados, do que sonháramos. Todas as freguesias têm os seus Barredos e Curraleiras. Achá-los-

O Nosso Livro

Desde que a edição do *Via-gens* se encontra totalmente esgotada, estamos tratando de uma segunda, que esperamos ficar pronta dentro de poucos meses. Até lá, vamos tomando conta dos pedidos que aparecem e daremos a cada um inteira satisfação. Por isso mesmo, os senhores não reparem nem levem à conta de esquecimento se o livro pedido não segue imediatamente. O encarregado destes serviços é o nosso Manuel Pinto. A ele se devem dirigir.

Começamos um outro livro e já vamos na sexta folha. Júlio veio hoje ao meu escritório tra-

ta. Do que precisa. São bocadinhos retirados ao sustento da família. Senhor; eu acredito no número inefável dos grandes desconhecidos, confessores da Vossa permanente acção de graças ao Pai Celeste!

emos, desde que amemos. O pescador de pérolas dá tudo pela mais preciosa. Dignos de todos os nossos cuidados e atenções, os Pobres, esperam ver em nós os verdadeiros irmãos. Para eles as nossas melhores horas. Os nossos melhores carinhos. Lembremo-nos nesta tarefa que precisamos mais dos Pobres, do que estes de nós. Serão nossos advogados, no dia do Juízo Final. Por meio deles, escaparemos ao Juízo. *Tive fome e deste-me de comer... Todas as vezes que fizerdes qualquer coisa ao mais pequenino destes Meus irmãos, é a Mim que o fazeis.* A Caridade levou-nos à descoberta do Pobre. Não pára, que o não levante da miséria. Ao menos, faz tudo quanto pode. Pois se arriscamos a vida para salvar um afogado que, em breves ins-

zer provas da sétima. *Doutrina* é o seu nome. E na capa, ao fundo, lado direito, aparece grifado: *Esta doutrina não é minha.* Tem graça que tudo quanto ali se disse naquele tempo a respeito do prosseguir da obra, está-se hoje realizando à maravilha! Estou admirado. Não sei dar conta nem posso explicar! Observo; guardo no meu coração e mais nada. Júlio não me tem largado e ateima que nós devemos ir para a Feira do Livro, no Porto, já este ano. Eu também ateimo e digo que não. Não teríamos variedade nem quantidade. Para o ano sim. Por agora basta-nos a consolação de podermos apresentar obra bem feita, devido à presença e uso da nova máquina de composição, com a qual acabamos de enriquecer a Tipografia. Se não houvesse outras razões mais altas para esperar que todos os leitores cumpram e se ponham em dia, esta bastava.

Do que nós necessitamos

Não vamos aqui dizer do que, nem de quanto nem o que dizem as ofertas deixadas no Espelho da Moda; não vamos, que o jornal seria pequeno. Era preciso um mundo de espaço e ficaria metade por dizer. E isto há doze anos! Mais 1.000\$ de Sá da Bandeira. Mais metade de Lisboa, da Estrada da Luz e uma dúzia de magníficos agasalhos. Mais 250\$ de Delães. Mais 100\$ de uma pessoa que vive do seu trabalho. Mais metade do Lobito. Mais 500\$ de Vila de Manica. Mais 50\$ de Nampula. Outro tanto de Tomar. Mais 10 contos de Lisboa para a obra mais bela e útil que se está fazendo neste país. Mais 1.110\$80 do Porto. Mais 50\$ de R. D. de Lisboa. Mais 50\$. Mais 20\$. Mais 20\$ do Porto. Mais 300\$ de Barcelos do meu primeiro ordenado. Mais 100\$. Mais 357\$50 dos funcionários do Posto Fiscal e vários operários da Companhia dos Fósforos. Mais 200\$80. Mais 20\$ do Porto. Mais 200\$ do António. Mais metade do Porto. Mais metade de Trancoso. Mais 330\$ de J. Guedes Cardoso. Mais 20\$ de Olhão. Mais 6 dólares de Caracas, Venezuela. São

de um humilde marceneiro. E tem muita pena que os milhares de portugueses que por lá andam se não disponham a dar um B-liver cada um, o que está ao alcance de todas as algibeiras. Mais 40\$. Mais 500\$ de Franco-los. Mais 100\$ de Lisboa. Mais 500\$ do Porto. Mais o dobro da Amadora. Mais 50\$ de Lisboa. Mais o dobro de Arcozelo. Mais 500\$ da Figueira da Foz. Mais os magros proventos de três funcionários da Caixa Geral de Depósitos.

E mais nada.

CALVÁRIO

É o futuro abrigo de Inválidos. Soa melhor. É mais doce. Se se lhe chama Calvário é que por aquela obra urgente, podermos ser redimidos. Mais 100\$ do Porto. Mais mil escudos de Braga. Mais da Beira, África, linha para a capela, amarelado pelo tempo e do mesmo 100\$ da minha gratificação do Natal. Aquilo recado que temos recebido todas as prestações da Casa Lázaro. Mais 100\$ de Vila Meã: o vi ontem a sua palestra na Embo-sora. Vencerá. Sabemos que sim, mas gostamos que outros nos ajudem. Se as palavras do Gaiato do dizer de muitos, fazem bem à alma, que bem nos fazem à nossa estas que nos dizem — vencerá. Mais de S. João da Madeira 500\$ para o mais doce e mais belo hospital da Terra. Mesmo que se não venha a curar nenhuns dos que recebermos, fica de pé a virtude de arrancar às almas estas riquezas e pô-las em circulação! Lisboa 150\$. Porto 300\$. Dinheiro achado na rua, 40\$. Um Brigadeiro 180\$. Bombarral 100\$. Vila Real 300\$. Algueiros 50\$. Espinho metade. Alegrete o dobro. Penaguião 20\$. Porto 50\$. Fafe o dobro. Sá da Bandeira, idem. Algueiros o dobro do Porto 20\$. Lisboa 100\$. 2 pedras de quinhentos escudos cada uma. Uma coberta e dois cobertores de Póvoa de Varzim para a incomparável obra do Calvário. Comecem a mandar roupas do vosso bragal. O que não fizer aí fará aqui uma fortuna. O Ni má-la Gracinda do Porto dão 20\$. Outro tanto de lá. De Faro vieram 75\$. Mais 100\$ do Hermínio de Lisboa. O mesmo da Regina.

Eu cá não, pela idade, quem vier, há-de ter ocasião de observar como de terra pequenina e ignorada, vai surgir uma das mais lindas páginas da História de Portugal! Presunção? Não. Não senhor. Então quê? ...e Verbo se fez carne e habitou entre nós. Eis.

com o coração quente e nun-com outro fim de que Deus não livrará sempre com a sua graça se eu souber corresponder-Lhe. A minha comissãozinha será a da o transporte à custa da minha magra bolsa.

Nas nossas obras paroquiais faltam corações quentes que trabalhem, assim, só por amor de Deus. Agora é o Alto Alentejo. Escrevem-nos de Gáfete: recebam o chaile que tinha encomendado e como fiquei satisfeito venho pedir o favor de me enviarem 2 dos pequenos em castanho claro e um dos grandes em castanho escuro.

(Cont. na página QUATRO)

Evangelizar o Pobre

tantes, morreria — portanto pouco sofreria! — como nos pouparamos a sacrifícios para arrancar à miséria os nossos irmãos que morrem lentamente em cruciante martírio?!

Só depois de procurarmos levantar o Pobre, o poderemos evangelizar. *Quem diz que ama a Deus e não ama o próximo é mentiroso.* É da Sagrada Escritura. Temos, pois, de provar a existência de Deus e do seu Cristo, amando os nossos irmãos. O Evangelho será uma blasfémia se não se acabam com certos abismos entre os cristãos. O Pobre quer justiça, quer o supérfluo — que é dele! —, quer Caridade. Só depois do Evangelho cumprido para com Ele, o achará palavra de Deus aos homens.

Só quando vir entre nós um irmão, lhe poderemos falar do *Irmão mais Velho*, Jesus Cristo, e rezar juntos ao Pai: *Pai nosso que estais no Céu.* Render-se-á quando, de joelhos, lhe pensarmos as chagas do corpo. Escancarará, então, a alma para também lha curarmos.

x x x

Os chales de Ordins continuam a ser muito procurados. Já temos 17 artesanatos e não ficaremos por aqui. Não falta quem queira aprender. Há ainda muitas famílias necessitadas.

Pela segunda vez, os chales foram melhorados na lá. Agora é pura lá. Se eram baratos, agora são baratíssimos. Para nos tirarem trabalho, pedia-se o favor de nos enviarem, juntamente com os pedidos, os respectivos vales de correio, dirigidos à Conferência de S. Vicente de Paulo de Ordins, Lagares, pagáveis em Paço de Sousa.

O Porto quer um dos grandes. Carrizado de Montenegro um dos médios. Envia 10\$ para correio. Alegrete um dos pequeninos. Alhandra idem. Vila da Rua escreve: *acudi à chamada*

Pelas Casas do Gaiato

PAÇO DE SOUSA

— Andam grandes obras na nossa avenida. Picas e pás em punho, pádiolas a esbordar, *Sejaquim* de cana na mão, *Sejoão* a riscar. O cascalho já está partido, encontrando-se na herma da mesma. Depois as obras entram na segunda fase. Os trabalhos já vão bastante adiantados e é de crer que terão o seu terminus daqui a pouco tempo. Resta-nos avisar os nossos amigos que tenham carro, pois cá na cidade não há sinalização...

— Jardins. Agora tem-se tratado de jardins. O que leva a palma a todos é incontestavelmente o da casa 1. Para isso contribuíram com seu esforço o *António Bocage* e do chefe Rui Seixas. Nas horas de ócio lá andam eles. Têm gosto. Gostam de ver sua casa enfeitada. Quando se vê este arranjo e gosto exterior, é naturalíssimo que interiormente as coisas andem bem encaminhadas e esse é que é o nosso principal desejo.

Os da casa 3 também começaram com o seus, já abriram umas covazitas, mas não foram além disto. Vamos a ver se eles animam, para podermos contar com mais um jardim. Este fará criar o gosto pelas coisas aos mais novos, enfeitará a casa e a aldeia fica sem dúvida mais airosa e mais bonita.

Se não tivermos na Primavera os jardins prontos, que é o mesmo que a nossa casa arrumada, já não podemos pedir aos passarinhos que nos visitem e nos distingam com seus ninhos nas árvores, nas beiradas, nos taludes. E depois as abelhas também não emigram, sentem-se bem em sua casa. Ora estas coisas que também fazem parte da nossa numerosa família, não se devem perder. Já sabias que os passarinhos nos vêm ajudar nas nossas fraquezas. Nos vêm estimular. Nos enchem a quinta de enemitéveis árias, convidando-nos a louvar o seu e nosso Criador?

São eles, os passarinhos, os nossos amigos mais fieis. Vêm mandados do Alto, para onde pretendemos caminhar. Com a sua sublime ajuda tornar-se-á a caminhada mais suave!

— Estamos no inverno. Que é tempo de frio, já o sabemos e não era preciso dizê-lo, mas como eles cá andam é que os meus amigos não sabem. Cada qual enfia a roupa que mais pode. Há quem ande com duas camisas, dois pullovers, calça, pijama, fátomacaco e ainda por cima sobretudo. Senhor padre Carlos é que tem de andar a pau com estes maraus, pois enfiam tudo o que lhes vem à uua. Não faltam sapatos de papelão, papel, pés envolvidos em panos, socas feitas pelos carpinteiros. É só ver os que têm feridas em algum pé! O problema é resolvido rapidamente. Uma soca num pé, a do alejado vai na mão e este com uma meia. Claro que são chamados a contas, estas coisas não são para estragar. Quem fica a perder são os marcados e quem atura estes é a senhora da rouparia.

— Continuamos a ter cinema. Aos sábados, no «edital», depois de indicar os piquetes e os que estão de serviço, o chefe lá põe: Cinema: hoje são balões de barragem, para outra vez Abbott e Costello, etc.

— Apreciamos muito o cinema, por isso é com imenso prazer que aqui dizemos isto. Os filmes têm sido alugados na casa J. C. Alvarez de Lisboa, mas agora são-nos emprestados pelos serviços de propaganda da Embaixada dos Estados Unidos, a quem penhoradamente agradecemos.

— Quando não temos futebol no nosso parque de jogos, deslocamo-nos ao do União Sport Clube de Paredes, onde temos inúmeros amigos, que a todos nos franqueiam a entrada com o maior gosto. Daqui lá ainda é um bocado mas a malta vai animada e nem dá por isso. Andamos todos muito contentes, pois o União tem tido uma carreira brilhante. É sem dúvida dos melhores conjuntos que disputam a segunda divisão. Não nos surpreende mesmo nada, que ao fim do torneio o vejamos no cimo da tabela. Oxalá que assim seja, para nossa grande alegria e de todos os paredenses, que bem merecem esse prémio, para compen-

sar o esforço e as energias dispendidas, para elevar o nome do União e da vila de Paredes mais alto. Viva o União Sport Clube de Paredes!

G. D. Casa do Gaiato..... 5
F. Clube São Victor..... 0

— Deslocaram-se no passado dia 29 à nossa aldeia, para jogarem com o nosso primeiro grupo, os rapazes de S. Victor—Porto. Este desafio foi agradável de seguir, pelo empenho posto na luta por ambos os contendores. Os visitantes, apesar de duramente batidos, deram sempre réplica animosa, o que bastante fez brilhar a peleja. No primeiro tempo as forças estavam equilibradas, mas na segunda metade veio ao de cima a nossa capacidade técnico-táctica e maior poder físico.

A arbitragem, a cargo do Sr. José Agostinho não foi muito feliz, porém não teve influência no desfecho final. Toda a equipa formou um bloco, havendo apenas a anotar um bocado de individualismo, que vai já sendo tradição no nosso forte conjunto.

Com um pouco mais de rotação, o nosso grupo atingirá a sua forma e quando isso suceder dificilmente será desfeiteado. Podemos até afirmar sem exagero, que não temos por estes lados grupos à nossa altura. Há um ano e que já não conhecemos o travo da derrota e isso dá-nos motivo a compreensível e justificado orgulho.

Neste encontro temos a destacar: nos visitantes: o guarda-redes e defesa central, pelas suas boas e oportunas intercepções.

Nos nossos: Augusto, Nicolau, Cândido Pereira e Valdemar, que actuou auspiciosamente a avançado-centro, a quem endereçamos os nossos cumprimentos.

Alinhámos: Pastelão; Quim, Augusto e Presidente: Nicolau e Cândido Pereira; Dita, Daniel, Valdemar, Rui e Eduardo.

Com os mais sinceros cumprimentos do sempre amigo,

Daniel Borges da Silva

Venda do jornal no Porto

Amigos leitores. É pela segunda vez que escrevo para o melhor do mundo. Venho apenas dizer aos meus amigos que a venda do jornal está a correr muito mal, porque a gente aqui atrazado vendíamos 5.200 e agora estamos em 4.000. Baixou muito. Se antigamente os senhores compravam, porque é que agora não compram? É «O GAIATO» na mesma.

Aos senhores não custa nada dar todos os quinze dias um escudo pelo jornal; não é por um escudo que os senhores ficam mais ricos nem mais pobres.

Todos os anos os empregados do Banco Ultramarino fazem uma pequena subscrição para dar uma prenda ao gaiato que vende lá. Então este ano fizeram a sua pequena subscrição que rendeu 375\$50. Mais tarde compraram a prenda que foi um relógio que custou 325\$00 e ainda sobrou dinheiro e então com esse resto compraram duas camisolas de dentro e um par de peúgas.

Foi uma grande prenda que deram ao rapaz que vende lá todos os quinze dias 100 jornais.

Eles tratam-me com muito carinho. Eles dizem assim para mim: rapaz, tenses o Pai Américo como não há nenhum em Portugal. Também aqui atrazado deram uma casa para o Património dos Pobres. Foram eles que fizeram esta frase: «Isto é a tradicional consoada do gaiato que nos vende quinquenalmente o «Famoso»».

Venho agradecer nesta simples crónica aos empregados do Banco Nacional Ultramarino a consoada que me deram e por todos os jornais que já me compraram e os que me não de comprar.

Banana

O «Famoso» em Aveiro

É pela primeira vez que sou chamado a escrever para o nosso jornal, por isso peço aos nossos leitores que me desculpem se me sair mal.

Agora sou o actual vendedor do Famoso em Aveiro. Esta linda cidade está no ritmo antigo que é de 150 jornais, mas eu não quero ficar por aqui, mas sim ir mais longe. Peço desde já aos meus amigos que me não deixem ficar nesta conta. Vamos lá a ver se sou atendido. Para terminar

tenho a agradecer às Ex.mas Senhoras da Pensão Imperial que têm a amabilidade de nos dar pousada de sábado para domingo, onde nos reserva um bom quarto com uma óptima cama. A estas senhoras amigas os nossos mais sinceros agradecimentos.

Jorge da Silva Ferreira — Areosa

SETÚBAL

— Alguns leitores de certo se admirarão de eu escrever a crónica de Setúbal, pois costumava escrever de Miranda. O Senhor Padre Horácio agora está aqui. A missão que ele tinha já de si era grande, mas agora muito maior se torna, pois veio para uma casa ainda em começo, onde os rapazes são todos pequenos e pouco sabem, e terá ainda de dirigir ao mesmo tempo a casa de Miranda e Coimbra. Quantos sacrifícios tem de suportar! Só Deus o sabe. Mas com a ajuda d'Ele tudo correrá pelo melhor.

Esta casa tem uma quinta muito grande, mas infelizmente é toda amanhada por gente de fora. E muito vai contra os princípios da nossa obra, que é de rapazes — para e pelos rapazes. E tudo isto causa grandes despesas. Toda a gente sabe que somos po-

ser o chefe da família. Se ele é verdade que na cabeça da Constituição Nacional, aparece a família como assunto supremo, não sabemos de quem é a culpa, se os factos não correspondem. Não sabemos outrossim porque é que foi preciso vir um profeta à ilha denunciar o mal da barraca, residência obrigatória das multidões sem abrigo. Mas nem por isso damos o nosso tempo por menos apreciado e até agradecemos sinceramente aos que nos chamaram. O que importa é libertar esta classe dum suplício que não querem nem merecem. Quando chega a hora feliz de muitas e muitas famílias tomarem conta do que é seu, é frequente ouvir dizer deles esta apreciação — *Nós estávamos no Inferno e agora moramos no Céu*. Eis aqui uma lição de teologia. Por ela se fica a saber que o Inferno é lugar de suplício. Elas não o queriam. E agora moramos no Céu. Mais teologia. O Céu é a

Evangelizar o Pobre

Continuação da terceira página

escuro. S. Pedro do Sul pede 3, sendo 2 dos médios e um dos pequenos. É uma propagandista a trabalhar por amor de Deus. Compreende e ama. Ora leiam, por favor: os 60\$ anteriormente enviados para um chale, ficarão para a despesa do correio (com a nova encomenda) e para a tecedora mais necessitada. *Una-nos o amor de Deus*. Que programa formidável o da união pela caridade! Se os chefes das nações pusessem na mesa das reuniões internacionais o Evangelho e afeissem os seus anseios e ambições por Ele, o mundo conheceria a paz. Santarém pede um de 60\$. Chaves um de 90\$. Viseu um grande. Guardieiras vêm dizer que, em vez de 4, mande 5 dos pequenos. E ajunta: *pedia também o favor de, logo que recebesse a lâ branca, me avisar, pois preciso de chales dessa cor*. Não faço já a encomenda, pois não sei ainda de quantos preciso. É uma irmã dum seminarista dos Olivais. Há amor de Deus na sua alma. Daí o amor do próximo. Um só amor. Vila Boa do Bispo um de 60\$. Lisboa, recebido o segundo pede amostras das



Aqui Miranda.

bres e vivemos da generosidade dos nossos benfeitores. Por isso temos de trabalhar muito para conseguirmos o nosso fim.

Aqui em Setúbal a obra ainda é pouco conhecida. Mas estou certo que com o tempo esta gente ficará a conhecê-la e estou firmemente convencido de que não se arrependerá. Já apareceram alguns senhores prontos a ajudar-nos e a estes outros só háo-de seguir. Nalguns armazens donde gastamos já nos fizermos descontos. Estamos esperançados que com a ajuda de Deus tudo correrá bem. Deus queira que sim.

Agora se vos pedir alguma coisa

José Roque Crisanto

Palestra ao Microfone da Rádio da Madeira

Continuação da segunda página

posse dum bem total sem medo de o perder. Assim aprecia a sua morada o pobre que hoje tem morada.

Demos hoje volta pelas casas mais importantes do Funchal. Colheita surpreendente. Cem contos a passar. Amanhã continuaremos, querendo Deus, esperam-se novas promessas. Com estes fundos depositados no Banco da Madeira e Casa Blandy e o dinheiro que nos prometeu e vai entregar o Ministro das Obras Públicas; com a óptima disposição de párocos e vicentinos, quando voltar à ilha hei-de pousar os meus olhos em dezenas e dezenas de casas formosas e escutar a oração dos que moram dentro delas. Assim todos esperamos.

Tal como nos bancos de Lisboa e Porto, em conta corrente do

Património dos Pobres, também aqui já começa de aparecer o pequenino depósito.

Vários. Alguns com nome, outros sem ele. Em muitos casos aparece a designação para uma telha, um quilo de pregos, um barroto e mais e mais e mais.

Isto é o início de uma grande certeza. Qualquer dos bancos acima anunciados ficam sendo os receptores de migalhas que háo-de causar avalanches de carinho e generosidade.

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Assinante 9.989 de Leiria, 20\$. Idem, 19.205 da Horta — Faial, 50\$. Idem, 13.284, do Porto 20\$ para os pobres dos vicentinos. E mais adiante, na sua carta, esta assinante afirma que gostaria de enviar muito, mas sou viúva, infelizmente tenho um filho, vivendo actualmente da mísera mensalidade dum modesta funcionária colonial, em regime de licença graciosa. Se não fossem estas pequeninas economias bem morríamos a fome; mas seja tudo por Deus e que Ele nos dê coragem para enfrentar as injustiças humanas. Por toda a parte só se vê miséria!!! Isto confrange-me de tal modo, que do pouco que tenho, vou distribuindo. E tantas riquezas imobilizadas! Meu Deus! Mais um óbulo da viúva e mais um grito de alma a acordar os nossos corações. O mundo precisa destes gritos para que desperte, para que vença o egoísmo e procure a Caridade e a Justiça. Anta de Jesus, de Lisboa, 35\$. Dos empregados da I. G. F. do Porto, 17\$50. Figueira da Foz, assinante 9.930, 20\$. Maria Augusta Tomaz, do Porto, igual quantia. Assinante 17.096, metade. Idem 3286, 20\$00. Idem 9335 50\$00. Albertina Labrincha, 10\$. Minucha e três priminhos, 10\$.

P.e AIRES

Júlio Mendes